

Revista Campo & Cidade – Itu / SP

## Imigração alemã em Itu

Endereço do link <http://www.campoecidade.com.br/edicao-62/imigracao-alema-em-itu/>

OUTUBRO/2009 EDIÇÃO 62 - ALEMÃES POR ANGÉLICA ESTRADA

### **Famílias começaram a chegar à cidade no final do século 19**

Alguns imigrantes alemães que chegaram ao Brasil tiveram o município de Itu/SP como destino. Em sua obra “A Cidade de Itu”, o historiador Francisco Nardy Filho cita a presença das famílias Bauer e Kiehl, ambas de ascendência alemã, em terras ituanas. Outras famílias vindas da Alemanha também registraram sua história e colaboraram com o desenvolvimento de Itu ao longo dos anos.

Nardy Filho registrou que os Bauer de Itu descendiam do alemão Felipe Bauer, natural da Baviera, e da campineira Firmina de Oliveira. Destacou a figura do ituano Adolfo Bauer, membro da referida família, e sua atuação em diversos cargos, entre eles, o de delegado de polícia, vereador e prefeito.

O atuante Felipe Bauer também colaborou com a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Itu, desempenhando durante muitos anos a função de tesoureiro da instituição. Casado com Francisca Eugenia de Camargo Penteadó, faleceu em Itu, em 1938, aos 80 anos de idade.

O historiador menciona ainda a família Kiehl, descendente do alemão Pedro Kiehl (Peter) e da brasileira Maria Umbelina Teixeira. Segundo ele, dos filhos do casal, Carlos Kiehl se destacou por exercer em Itu, onde nasceu, cargos de relevo. Faleceu em 1893.

Aos 96 anos, Edmar Kiehl, conta que seu bisavô Peter era militar na Prússia, que, na época, mantinha um navio ancorado, pronto para levar os militares prussianos para a América do Sul, caso fosse invadida pelos alemães. Peter chegou ao Brasil junto com Julio Frank. O destino seria a Argentina, mas ficaram no Rio de Janeiro. Mais tarde, os dois foram para São Paulo e depois para Itu.

Ao observar que o catolicismo era a religião predominante na cidade, onde havia grande número de igrejas, decidiu fabricar relógios para torres de igrejas. Solicitou à sua família que lhe enviasse chapas de bronze, eixos, parafusos e moldes, e, assim, transformou-se em relojoeiro.

Bastante culto, tornou-se amigo dos padres do Colégio São Luís. Quando faleceu, os jesuítas compareceram a sua casa para o velório e verificaram que seu corpo seria enterrado no quintal, pois ele era protestante e no cemitério da cidade só poderiam ser enterrados os corpos de católicos. Em reconhecimento a sua amizade, os jesuítas permitiram que seu corpo fosse enterrado no Colégio.

### **Comércio**

José Carlos Higel também investiga as origens de seus bisavós paternos, ambos nascidos na Alemanha. Do seu bisavô Heinrich Zschächner, ele tem poucas informações e não sabe afirmar se

sua família veio a Itu. Mas, conta que sua bisavó Emma veio da Alemanha, ainda criança, com a família no início dos anos de 1870.

Eles foram para Santa Catarina, onde ficaram um tempo, até ocorrer um trágico acidente. Higel fala que o irmão de Emma foi assassinado por um índio. A família, diante dessa fatalidade, resolveu mudar-se para São Paulo. Na capital paulista, Emma trabalhou em casas de família e, já casada, abriu uma confeitaria na Praça da República.

Heinrich adoeceu, fator que obrigou a família a gastar quase todas as economias. Quando ele faleceu, Emma mudou-se para Itu com os quatro filhos: Elza, Emílio, Henrique e Olga. Com o dinheiro que restara, comprou dois imóveis na Rua Santa Cruz, onde ficou conhecida por seu trabalho como costureira.

Foi em Itu também que seu neto Otto Higel, filho de Olga, trabalhou na tradicional Padaria e Confeitaria Alemã, hoje, Bar do Alemão, de propriedade da família Steiner. Adolph e Maria Steiner, junto com seus quatro filhos, deixaram a Alemanha em 1889.

Hoje, seus descendentes não sabem o motivo que os fez ingressar no Brasil sob nacionalidade belga. Há duas hipóteses para isso: o passaporte ser belga, numa possível saída da família pela Bélgica; ou a imigração da família da Alemanha para a Bélgica antes de se mudarem para o Brasil.

Chegando ao País escolheram a cidade de Itu como destino, onde fundaram um açougue de suínos, que ficava localizado na Rua Floriano Peixoto, nas proximidades do atual prédio da Delegacia de Polícia do município. Em 1902, Adolph e seu filho Max inauguraram a Padaria e Confeitaria Alemã, na Rua Paula Souza, onde atualmente funciona o Bar do Alemão.

Max trabalhava na padaria, a qual possuía masseira e cilindros importados, fazendo pães e entregas em domicílios. Adolph também comandou uma fábrica de bolachas na cidade.

## **Século 20**

Os alemães continuaram a chegar em Itu no século 20. Em 1922 foi a vez do casal Joseph Wahl, que ficou conhecido como José, e Elizabeth Karlotta Wahl chegar ao Brasil, depois de ter passado pela Argentina e Paraguai. Na Alemanha, José foi proprietário de uma fábrica de sapatos e também trabalhou como eletricista.

Em Itu, confeccionou sapatos para as freiras do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio e para os padres do Convento do Carmo. Também desenvolveu atividades de apicultor. Seu filho Sebastião Adam Wahl, aos 85 anos, conta que foi José quem montou o primeiro aparelho de rádio em Itu.

Em imóvel na Rua dos Andradas, o imigrante trabalhou como sapateiro, além de desenvolver peças para rádios. Sua sapataria funcionou, mais tarde, na Vila Nova, onde também criava abelhas. Pelo fato da atividade de apicultor colocar em risco a vizinhança, o governo municipal ofereceu a ele um terreno no Rancho Grande, para onde se mudou.

Foi no período da Segunda Guerra, quando residia no Largo do Patrocínio, que suspeitaram que ele teria contato via rádio com o governo alemão. A família afirma que essa informação não procede, mas que José sofreu com essa acusação. Ele ainda desenvolveu suas atividades novamente no Rancho Grande e no Sítio São Benedito, no Bairro Cruz das Almas.

Como Sebastião sempre mostrou habilidade para trabalhar com eletricidade, ainda criança, aprendeu com seu pai a montar rádios. E foi essa profissão que exerceu até a década de 70, quando se aposentou e fechou a oficina que funcionava num salão embaixo do Clube Recreativo Comerciantes.

A família Klein também teve o Brasil como destino quando, em 1928, saiu da região da Baviera, na Alemanha. Franz Chaver Klein e Catharina Klein, acompanhados por um casal de filhos com nomes homônimos aos dos pais, viveram por aproximadamente 17 anos na cidade de São Paulo.

Catharina montava quadros e seu marido era o responsável pelas vendas. Embora fosse pedreiro, ele trabalhava como mascate. Essa atividade o levou a conhecer Itu, onde também fazia comércio dos quadros. Seu neto, Vicente Klein, comenta que ele costumava se hospedar num hotel localizado onde, hoje, está localizada a Padaria Santo Antonio, na Rua Floriano Peixoto, esquina com a Alameda Barão do Rio Branco.

O casal morreu na capital paulista. O filho dos Klein se casou, em 1947, com a brasileira Helena Margareta Klein. Nos anos 50 eles se mudaram para Itu, onde passaram a assistir numa casa na Rua dos Andradas nº 251. Em 1954 mudaram para o imóvel de número 149, na mesma rua.

Seguindo a profissão do pai, Franz vendia quadros (em 1975 formou-se em Direito, mas pouco exerceu a profissão de advogado). Com o tempo diversificou seu ramo de negócio o que lhe possibilitou adquirir outra casa na Rua dos Andradas nº 169. Ali montou uma loja de móveis, artefatos de tecido e confecções. Na década de 60 e início dos anos 70, a Casa São Sebastião era considerada a maior loja de móveis de Itu.

As vendas atingiam toda a região e os filhos de Franz também contribuíram com os negócios da família. Vicente conta que seu pai exigia disciplina e não fazia distinção para os filhos. "Não tínhamos privilégios. Fazíamos parte até da escala de funcionários para a limpeza da loja". A Casa São Sebastião funcionou até 1991.

### **Agricultura e indústria**

A vinda de alemães para Itu, mais precisamente para a Rodovia Marechal Rondon, km 113,2, onde se encontra o Sítio Caritú, culminou na produção e comercialização de produtos orgânicos. Atualmente, esses produtos podem ser encontrados em loja instalada há doze anos na entrada do referido sítio e também em duas feiras específicas de produtos orgânicos na capital paulista.

Herbert Schierz, que veio ao Brasil em 1924, adquiriu essa propriedade em 1964 junto com sua esposa Carita (que originou o nome do sítio). Dez anos depois, seu genro, o alemão Klaus

Rüdiger, que vive no País desde 1957, comprou parte das terras. Quando ele e sua esposa Ulla Carita Rüdiger se mudaram para Itu, em 1994, surgiu a intenção de buscar uma atividade sustentável que tornasse as terras mais produtivas e saudáveis.

Naquela época, o cultivo se restringia ao café. As famílias optaram, então, pelo cultivo de produtos orgânicos. Com o tempo ampliaram a produção que, atualmente, engloba hortaliças, legumes, frutas, ovos, café e nozes. Hoje, a criação de galinhas de postura para produção de ovos ocupa o espaço que outrora abrigou a criação de patos do casal Schierz.

Nascido em 1917, na cidade de Djakovaka Satnica, na época pertencente à antiga Iugoslávia, Josef Friedrich pertence a uma família de alemães. Como prisioneiro de guerra, permaneceu por dois anos e meio longe de seus familiares, num campo de concentração inglês, no Egito, norte da África.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, a Cruz Vermelha auxiliou os alemães em busca de asilo. As opções eram Brasil, Estados Unidos e Austrália. Uma breve resposta concedendo o asilo fez com que Friedrich e sua família partissem para o Brasil, local onde chegaram em 1952. Instalado na cidade de Guarapuava/PR, Friedrich atuou na área agrícola e, dois anos depois, mudou-se com sua família para a capital paulista, onde exerceu diversas atividades.

O esforço do imigrante o levou a fundar, em 1967, juntamente com seu filho Peter, a empresa Emicol que inicialmente realizava serviços na área de metalurgia. Com o crescimento dos negócios, no começo dos anos 80 a Emicol foi transferida para Itu. Atualmente, a empresa produz componentes e controles para eletrodomésticos e outros segmentos; atende todo o Brasil e exporta para mais de 25 países.

### **Investimentos**

Mesmo não tendo Itu como o primeiro destino em solo brasileiro, o casal Carl Friedrich Müller e Friedericke Dorothea Christiane Schulz Müller contribuiu com o parque industrial ituano através de seus bisnetos Lauro Eduardo Müller e Guilherme Antonio Müller, responsáveis pela criação das empresas IBBL, Indústria Brasileira de Bebedouros Ltda., e Brassuco Alimentos.

Carl e Friedericke imigraram para o Brasil em 1858 e se estabeleceram na Colônia Dona Francisca, atual Joinville, em Santa Catarina. A viagem de Bredenfelde ao Brasil, que durou cerca de três meses, foi registrada por Carl em um diário. Um fato curioso é que ao longo da viagem, por diversas vezes Friedericke fez um pão que agradava o paladar do capitão do navio.

No Brasil, o patriarca dos Müller atuou na construção civil e entre as obras que construiu está o Palácio de Sua Alteza Real o Príncipe de Joinville. Atuante na política de sua nova Pátria foi vereador de Joinville por vários anos. Seguindo esse caráter empreendedor, seus bisnetos Lauro e Guilherme, ambos nascidos na cidade de São Paulo, passaram a investir em Itu na década de 80. Esse investimento se deu através do convite do amigo e cliente, o também descendente de alemão Marcos Steiner.

Hoje, a IBBL atinge todo o mercado nacional e exporta seus produtos para 42 países. A empresa produz extensa linha de produtos como purificadores de água, filtro, bebedouros, refresqueiras, máquinas especiais e industriais adequadas às mais diversas necessidades.

Os mercados nacional e internacional também foram conquistados pela Brassuco. A empresa que, inicialmente produzia e comercializava refrescos em pós, atua ainda no mercado food service (cozinhas industriais, empresas de auto-gestão e órgãos públicos). Sua linha de produção cresceu e, hoje, produz sucos concentrados, achocolatados em pó, barras de cereais, mistura para bolos, caldos, molhos, entre outros produtos.

### **Liberdade**

A história de Félix Franz Hutsch Emden, natural de Guttentag, cidade anexada à Polônia após a Segunda Guerra Mundial, localizada a Leste dos rios Oder e Neisse, é marcada pela luta por liberdade. “Eu preferia morrer a viver num regime totalitário”, afirma Félix. Na terceira tentativa de fugir para Berlim ocidental, em 1951, conseguiu seu intento, à nado, vencendo aproximadamente 100 metros, de uma margem à outra, do rio Oder, furando o forte cerco dos exércitos russo e alemão, durante trocas de guardas. Já em Berlim, passou a noite do Natal na casa de sua tia Anna Watzlavik e, dois dias depois, se apresentou à polícia alemã que o encaminhou ao exército americano, onde permaneceu por dois meses.

Félix chegou ao Brasil em 12 de abril de 1955, aos 24 anos de idade e morou, em princípio, nos bairros paulistas Vila Mariana, Liberdade e Ipiranga. Em São Bernardo do Campo/SP, trabalhou na Volkswagen, de 1961 a 1988, no setor de produção e como tradutor, chegando a ocupar o cargo de chefe de seção. Com seus companheiros de trabalho, diversas vezes visitou Itu/SP para tomar o chope do Bar do Alemão. Gostou tanto da cidade que, em 1973, adquiriu um sítio na estrada de Porto Feliz/SP, no Bairro da Glória. Em 1990, juntamente com sua filha Mariane e o genro Edson Bertante, fundou a loja de material fotográfico Antares Imagem, que fica localizada na Rua Floriano Peixoto nº 651.

A ligação de Félix com o Brasil iniciou em 1912, quando seu pai, a serviço da marinha alemã, navegou por duas vezes pelos rios Solimões, Negro e Amazonas a bordo do cruzador ligeiro Emden, o qual se destacou em combates na Primeira Guerra Mundial. Por esse motivo, a exemplo de Félix, em homenagem à bravura de seus pais, os filhos dos marinheiros receberam o nome do navio como sobrenome.

### **Pesquisa**

A história da família Guilger foi alvo de muita pesquisa, que deverá culminar no livro “Os Guilger/De Essweiler – Alemanha para Colônia – Santo Amaro/São Paulo – Brasil”, de autoria de Ulisses Duarte Guilger, tataraneto do alemão Johannes Gilcher (Guilger), que chegou ao Brasil em 1828. Do povoado de Essweiler, no Palatinato Ocidental, Johannes veio ao Brasil, onde se estabeleceu na colônia de Santo Amaro/SP.

Johannes perdeu o pai quando tinha apenas oito anos e trabalhou como aprendiz numa sapataria e ajudante em fazenda. Já na idade para ingressar no serviço militar, na Bavária, tornou-se soldado. No entanto, com as medidas de redução de despesas do rei Luís I, não chegou a incorporar-se na unidade militar. Permaneceu em sua casa à disposição como força de reserva em caso de guerra.

Com a morte de sua mãe, em 1827, Johannes começou a pensar em imigração, afinal era pobre e estava solteiro. O sonho em busca de algo melhor o impulsionou a tomar o navio Alexander rumo às terras brasileiras. Residiu em Santo Amaro até 1875, quando veio a falecer. De seu primeiro casamento nasceram oito filhos e, do segundo, mais cinco.

Foi seu neto, Pedro Guilger, que nasceu em 1860, em Santo Amaro, quem rumou para Itu. Ele se casou com Ana Pires de Almeida, com quem teve seis filhos. Viúvo, Pedro se casou novamente. Da união com Serafina Zenaro, teve mais seis filhos. Após o segundo matrimônio, Pedro voltou a São Paulo, local onde faleceu em 1958.

Alguns filhos de seu primeiro casamento permaneceram em Itu. Entre eles, estava Pedro Guilger Filho, o pai de Ulisses. Nascido em 1908, casado com Alice Duarte Guilger, teve treze filhos, sendo que quatro faleceram no mesmo ano em que nasceram. Toda a história da família Guilger, a exemplo de tantas outras que deixaram sua terra natal com destino ao Brasil, relata também um momento político vivenciado pela Alemanha e a contribuição desses imigrantes no desenvolvimento de muitas cidades brasileiras e do nosso País.

Angélica Estrada